



ARTE/ATUALIDADES

TÔ VOLTANDO...

Foram anos em que a cultura ficou em estado de alerta constante, não apenas em vista da iminência de desmonte, mas também pela agressividade do tribunal da opinião pública.

SYLVIA WERNECK
ABCA/SÃO PAULO

O ano era 2017, fim do mês de setembro. Era uma noite especial, a abertura do 35º Panorama de Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo, evento bienal que sempre gera expectativas por sua relevância na cena das artes visuais. Foi uma noite ótima, com a animação que caracteriza as aberturas - amigos, obras de arte, um vinhozinho, alguma fofoca. Assistimos a duas performances, uma delas a bela e sensível *La Bête*, de Wagner Schwartz, na qual ele interage com uma réplica de um dos *Bichos* de Lygia Clark até transformar-se, ele mesmo, numa dessas estruturas articuladas que Clark concebeu para que fossem manipuladas pelo público, criando novas formas e alçando o espectador à condição de coautor do trabalho. Analogamente, Schwartz se coloca à mercê da audiência, permanecendo em qualquer posição que o ponham. Como uma tela em branco e como é bastante comum nessa linguagem artística, ele estava nu, obviamente sem que houvesse qualquer conotação sexual - o nu na arte sempre existiu e está presente até em obras sacras. É preciso enfatizar que a apresentação



A coleccionadora de arte Sandra Hegedüs manipula *La Bête* no Palais de Tokyo, 2018. © Ayka Lux. Acervo: Wagner Schwartz.

ocorreu dentro do ambiente de um museu, para um público familiarizado com arte e com sinalização de que haveria nudez.

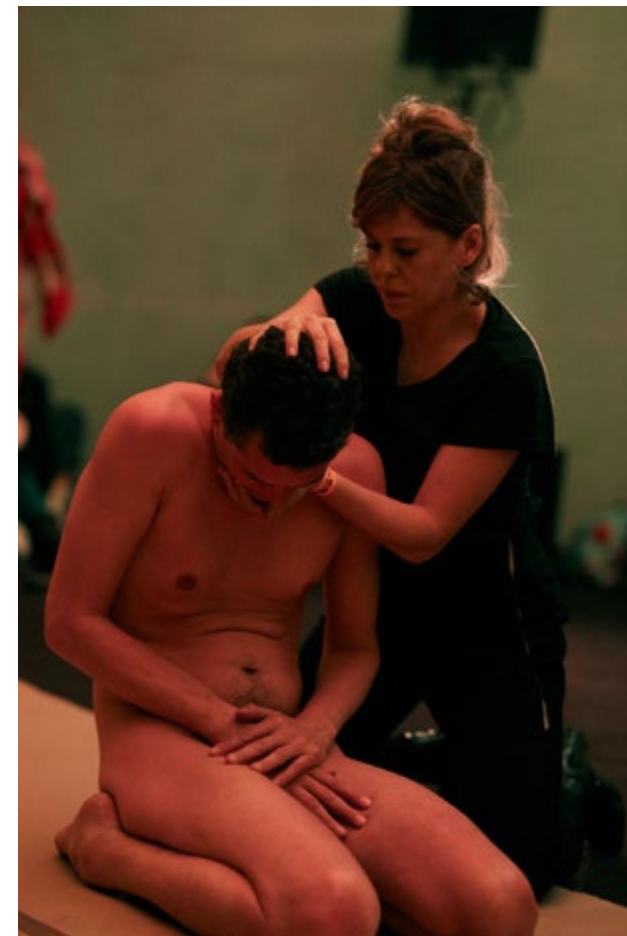
Algumas pessoas interagiram com Schwartz, incluindo uma menina, filha de uma amiga do artista, que lhe tocou o pé e logo correu de volta para a mãe, encoberta pelos olhares do público que, como eu, a achou “fofa”. Tanto as performances quanto a exposição como um todo foram recebidas pelos presentes no costumeiro clima das inaugurações. Certamente houve quem louvasse e quem criticasse a seleção de artistas e/ou as obras escolhidas, pois não existe unanimidade de opiniões quando se trata de exposições. Enfim, uma noite normal no mundo da arte.

Como de costume, encerrado o horário da abertura, há quem vá para casa e há quem prolongue a noite com os mais próximos para fazer suas observações sobre o projeto curatorial, as obras selecionadas, a expografia e, claro, as fofocas. É nesses momentos que os envolvidos abrem o jogo sobre os desafios da montagem, sobre expectativas atendidas ou frustradas

e até sobre quem é gentil e quem é difícil de lidar. Arrisco afirmar que nenhuma conversa da noite teve como tema a nudez do performer ou a interação inocente da criança, simplesmente porque não houve nada que causasse espanto. Tudo normal no mundo da arte.

E então, alguns dias depois, um grupo furioso foi até o MAM protestar contra a performance de Wagner Schwartz, acusando o artista de pedofilia, acusando o museu de promover pornografia, acusando a classe artística de vagabundagem e imoralidade. Poucas semanas antes, a exposição *Queermuseu - cartografias da diferença na arte brasileira*, em Porto Alegre, havia sido cancelada pelo Santander Cultural após pressão de setores conservadores. Incentivados por isso, deputados conseguiram que a polícia de Campo Grande confiscasse uma pintura chamada *Pedofilia*, que estava em exposição no Marco (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul) desde junho. A tela era parte de uma mostra que propunha denunciar o machismo e a pedofilia. Na mesma época, uma peça de teatro

em que Jesus era interpretado por uma travesti foi cancelada. Ainda assim, o ataque a *La Bête* causou surpresa, uma vez que a performance já tinha sido apresentada várias vezes desde



A atriz Bárbara Paz manipula *La Bête* no Palais de Tokyo, 2018. © Ayka Lux. Acervo: Wagner Schwartz.

2015, em diferentes locais e países, sem nunca ter suscitado essas acusações infundadas. Claro estava que aqueles que atacavam a performance só haviam assistido ao trecho do vídeo que viralizou com contexto deturpado.

Foi um estopim. Schwartz sofreu ameaças de morte, o curador do 35º Panorama, Luiz Camillo Osório, e Felipe Chaimovich, diretor do MAM à época, foram chamados à delegacia para prestar esclarecimentos. Funcionários do museu foram agredidos verbal e fisicamente. Pouco tempo depois, o MASP se imporia uma autocensura para a exposição *Histórias da sexualidade*, com classificação para maiores de 18 anos. A filósofa Judith Butler, nome importante nos estudos de gênero, enfrentou protestos por conta de uma palestra no SESC Pompeia, em São Paulo.

UM DOS FOCOS DE ATAQUE DA EXTREMA DIREITA É A CULTURA. ISSO PORQUE É ELA QUE REPRESENTA AS QUESTÕES QUE ATRAVESSAM A SOCIEDADE, O CONJUNTO DE HÁBITOS QUE CARACTERIZAM UM DETERMINADO GRUPO

Esse ambiente já vinha se fortalecendo desde 2013, com a ascensão de movimentos de direita que advogavam o liberalismo econômico e de igrejas fundamentalistas defendendo costumes conservadores. A propagação de notícias falsas disparadas massivamente em grupos de mensagens e campanhas contra os veículos de notícias

Manifestação no MAM, 2017. Foto: Marcello Vitorino.



tradicionais ajudaram a sedimentar teorias da conspiração. O trabalho de radicalização foi bem-sucedido.

Um dos focos de ataque da extrema direita é a cultura. Isso porque é ela que representa as questões que atravessam a sociedade, o conjunto de hábitos que caracterizam um determinado grupo. Para o pensamento conservador, era preciso “salvar” o país do que entendem como decadência moral. Pautas importantes para a sustentação da vida no planeta, como a emergência climática, e justiça social, como direitos trabalhistas, direitos reprodutivos ou proteção de pessoas LGBTQIA+ (apenas para citar algumas) vão de encontro ao que defendem os “cidadãos de bem”, uma autodesignação bastante questionável e excludente, como sabemos. Nessa guerra, atacar a arte é uma estratégia de cooptação bastante eficaz, pois causa repercussão e dissemina a propaganda moralista.

Mário Pedrosa se referia à arte como “um exercício experimental de liberdade”. Nada mais perigoso para um projeto de poder que visava

promover um modo de vida pautado por princípios religiosos dogmáticos, pela negação da ciência, pela exploração predatória da natureza, pelo repúdio aos que julgam como desviantes. Daí se explica a extinção do Ministério da Cultura pelo governo Bolsonaro. A lição de casa do falecido guru Olavo de Carvalho estava feita, sob o lema “Acabou a mamata”. Reduzido a uma Secretaria, o comando da cultura teve episódios abertamente nazifascistas, como o do vídeo à *la* Goebbels de Roberto Alvim, a negação da existência da escravidão e do racismo de Sergio Camargo, que presidiu a Fundação Palmares, o descaso com as instituições. Funcionários de carreira dos aparelhos de cultura resistiram e conseguiram, ao menos, levar adiante projetos já estabelecidos (ainda que com restrições orçamentárias) e usar estratégias para barrar a censura de Brasília.

Foram anos em que a cultura ficou em estado de alerta constante, não apenas em vista da iminência de desmonte, mas também pela agressividade do tribunal da opinião pública. Wagner Schwartz recebe, até hoje, ameaças. A

classe artística ainda é considerada pela direita como vagabunda e imoral. Campanhas de ódio baseadas em falta de informação se espalham rapidamente. E poucos sentem vontade de se aprofundar para saber mais sobre os reais significados nas artes. Uma vez imbuídos de um sentimento de estarem combatendo o “mal”, os detratores já nem se lembram mais onde é que tudo começou. É esse mesmo espírito que mobilizou a invasão das sedes dos Três Poderes no dia 8 de janeiro, quando os extremistas vandalizaram não apenas vidraças e móveis, mas também obras de arte.

Com a vitória de Lula, é inegável o sentimento de alívio. Não porque não haja margem para críticas, mas pela derrota de um projeto de poder profascista que ameaçava a democracia como um todo e a possibilidade de fazer arte como aquele exercício experimental de liberdade. A arte não serve para embelezar a vida ou pregar condutas. Serve para provocar, incomodar, fazer refletir.

É claro que não é necessário que haja um Ministério da Cultura para

que se faça cultura - esta acontece o tempo inteiro, em todo lugar. Entretanto, o Ministério serve para implementar políticas de fomento para produtores, garantir a dignidade e sustentabilidade do trabalho dos técnicos, preservar museus, instituições e zelar pelo patrimônio cultural e artístico do país. A volta do MinC tem um significado especial após o último governo, para o qual a guerra cultural era estratégica.

Isso não significa que tudo está ótimo, mas que voltamos a ter a possibilidade de construir um sistema de cultura sólido. Há muito a fazer, como elaborar melhores leis de incentivo que não acabem privilegiando sempre os mesmos nomes e favorecendo grandes corporações que enriquecem poucos e perpetuam a exclusão de muitos. Acima de tudo, o que causa alívio é recuperar o reconhecimento de que a cultura é importante para o país.

Por ora, saudemos a volta do MinC e a escolha de Margareth Menezes, artista, negra e nordestina, para comandar a pasta. A nomeação tem

forte simbolismo após anos de negação oficial dos problemas estruturais da sociedade brasileira. A volta do ministério não é a coroação da vitória, já que a derrota de Bolsonaro não equivale à derrota do bolsonarismo. Mas é a recuperação da possibilidade de reivindicar melhorias, de cultivar a imaginação política e poética, o que já é muita coisa.

SYLVIA WERNECK

Crítica de arte, curadora independente, pesquisadora e professora, especializada em arte contemporânea, sobretudo da América Latina, com doutorado em Comunicação e Cultura pelo Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. É membro das Associações Brasileira e Internacional de Críticos de Arte (ABCA e AICA), correspondente da Revista Artnexus, colunista da Revista babEL e editora de Arte/Atualidades da Revista Arte&Crítica.